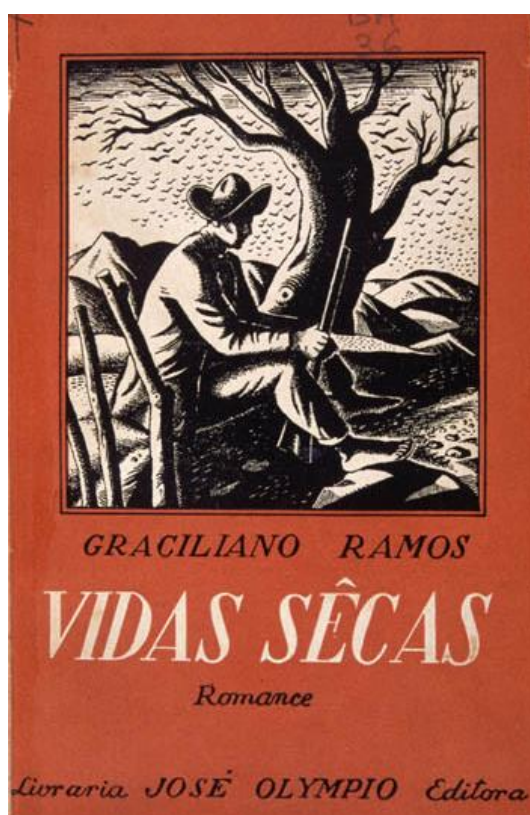


PRELEÇÃO EM HOMENAGEM AOS 80 ANOS DA EDIÇÃO DO LIVRO

"VIDAS SECAS", DE GRACILIANO RAMOS



JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO

ACADEMIA DE LETRAS DE SÃO JOÃO DEL-REI - MG

29 DE JULHO DE 2018

## "VIDAS SECAS"

Neste ano, em março, o livro “Vidas Secas” completou oito décadas de lançamento. Então, eu creio que esta apresentação ainda ocorre em tempo para festejar a efeméride. O que vai ser exposto aqui é brevíssima homenagem à vida e obra do autor Graciliano Ramos com o fornecimento de alguma notícia geral a respeito do romance que retratou a miserabilidade d'uma família de retirantes que, para mitigar o sofrimento, fugiu das agruras nordestinas à procura de áreas menos castigadas pela seca.

O escritor Graciliano Ramos de Oliveira nasceu na cidade de Quebrangulo-AL, em 27/10/1892, e ainda jovem, no ano de 1914, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como jornalista. Em 1915, voltou para Alagoas por conta de uma tragédia familiar: a perda de três irmãos e um sobrinho vitimados por peste bubônica. Tornou-se comerciante respeitado, carregava a fama de honesto, era culto, austero e amigo dos caciques políticos locais; então, ele tornou-se prefeito meio sem querer, atendendo aos insistentes apelos da família Cavalcanti, que mandava na política local; topou o desafio político mais pela honra do que por vaidade: “assassinaram meu antecessor. Escolheram-me por acaso. Fui eleito naquele velho sistema de atas falsas, os defuntos votando.”

Graciliano foi eleito prefeito do Município de Palmeira dos Índios, em 07/10/1927. Em 1928, ao tomar posse, implantou gestão inovadora: elaborou projetos, eliminou gastos, abriu estradas, construiu escolas, investiu no saneamento e na saúde, combateu clientelismos, fez reformas administrativas, criou código de posturas e equilibrou as receitas municipais; prestou contas de seu mandato através de relatórios públicos muito bem elaborados na forma e conteúdo. Em 10/04/1930, sofrendo pressões políticas e amargando dificuldades econômicas pessoais (ele ganhava subsídios simbólicos como prefeito e não se locupletava), renunciou ao cargo. Mudou-se para Maceió, foi nomeado diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, demitiu-se do cargo um ano depois, e voltou a morar em Palmeira dos Índios, onde fundou uma escola.

Augusto Frederico Schmidt, que conheceu os formidáveis relatórios de Graciliano enquanto prefeito, achou que um homem que fazia literatura de qualidade em simples relatórios teria de ser um romancista, e, assim, convenceu-o a publicar o primeiro livro, “Caetés” (1933), obra que ganhou o Prêmio Brasil de Literatura. Entre 1930 e 1936 ele publicou diversos livros, trabalhou como editor, professor e diretor da instrução pública do Estado. Em 1945, viajou para a então URSS e países europeus; foi preso político do governo Getúlio Vargas enquanto se preparava para lançar “Angústia”, que conseguiu publicar com a ajuda do amigo José Lins do Rego, em 1936. Suas principais obras são: “Caetés” (1933), “São Bernardo” (1934), “Angústia” (1936), “Vidas Secas” (1938), “Infância” (1945), “Insônia” (1947), “Memórias do Cárcere” (de 1953, edição póstuma onde apresentou seus relatos como preso político, na Ilha Grande-RJ), e “Viagem” (editado também postumamente no ano de 1954). Integrante do segundo movimento modernista, Graciliano Ramos denunciou fortemente as

mazelas do povo brasileiro, principalmente as agruras da seca e a situação de miséria no sertão nordestino; cultivava o hábito de fumar, caiu doente desde o ano de 1952 e, vitimado por um câncer no pulmão, faleceu em 20 de março de 1953.

Escrito em terceira pessoa, o romance “Vidas Secas” é um exemplo da “escrita enxuta” de Graciliano Ramos; ele chegou a dizer que “a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”; então, o escritor eliminava dos seus textos tudo o que entendia não ser estritamente essencial; “Vidas Secas” é romance classificado como regionalista, mas eu acredito que tal rotulação pode minimizar a obra: o drama contido em “Vidas Secas” poderia (e pode) ocorrer em qualquer parte onde existam problemas sociais, climáticos, migratórios ou imigratórios e outras dificuldades político-econômicas, tais como a Síria, a Bósnia, partes da África, Myanmar...

A primeira escolha para o nome do livro foi “O Mundo Coberto de Penas”, que continuou como título do 12º capítulo, pois, afinal, o sertão era “um mundo coberto de penas, castigos, dificuldades” e “as vidas ali descritas eram secas, esturricadas, desprovidas de quase tudo.”. O poeta Augusto F. Schmidt sugeriu que o livro se chamasse “Vidas Amargas”; depois, quando Daniel Pereira, irmão do editor José Olympio, sugeriu trocar o “Amargas” por “Secas”, Graciliano acabou ficando convencido de que “Vidas Secas” seria o melhor nome para o livro.

No romance, Graciliano abordou comportamentos d’uma família frente a um meio severo e opressivo, explorou aspectos psicológicos das personagens e as reações delas diante das situações aflitivas da seca e de injustiças: o pai, vaqueiro Fabiano, rude e lacônico; a mãe, Sinhá Vitória, mulher de Fabiano, esperta, que sabia fazer contas; os dois filhos, “menino mais velho” e “menino mais novo”, cujos nomes não são citados pelo narrador; a cachorrinha da família, Baleia, personagem zoomorfizada que acabou por sofrer certo processo de antropomorfização, especialmente no momento da morte dela; um papagaio “mudo e inútil” que foi morto para servir de alimento; Seu Tomás da Bolandeira (bolandeira é peça da engrenagem de engenho de açúcar), um homem letrado, que sabia falar difícil, e, também um representante do poder institucional opressor, o Soldado Amarelo.

A família fugia da seca, até que encontrou uma fazenda abandonada; sem condições de continuar a viagem, instalou-se nela e, poucos dias depois, a chuva chegou ao sertão. O dono da fazenda apareceu e Fabiano foi contratado como vaqueiro. A vida seguiu até que a próxima seca os expulsou novamente para o sul, em busca de sobrevivência. Numa das cenas mais chocantes da obra, Fabiano cogitou em abandonar o filho desfalecido no meio da caatinga para poder continuar a viagem penosa.

O nono capítulo de “Vidas Secas” trata da morte da cachorra Baleia, personagem que mais se assemelha a um ser humano e destaca-se entre os quadros quase autônomos que compõem o romance. E não é de se estranhar o destaque dado à cadela, posto que a obra começou a nascer quando Graciliano escreveu e publicou um conto chamado “Baleia”, focando o sofrimento e morte d’uma

cachorrinha de uma família de retirantes; com o sucesso da publicação, o jornal encomendou outros contos do tipo e ele começou a escrever uma história para cada membro daquela família nordestina; foi assim que o livro manteve a sua estrutura original na forma de capítulos-contos.

Então, lembrar os oitenta anos da publicação de “Vidas Secas” nesta sessão da Academia de Letras de São João del-Rei é a oportunidade que temos para evidenciar um dos livros mais importantes do Brasil e exaltar um tipo de literatura isenta de chatices, com poucos elementos que produzem enormes efeitos literários dispostos em capítulos-contos que podem ser compreendidos se lidos isoladamente ou em conjunto, pois a estética do romance necessariamente não propõe começo ou final.

O livro vendeu mais de 10 milhões de cópias, foi traduzido para vários idiomas e, passados 80 anos, o tema ainda não envelheceu. Em cada capítulo a gente se depara com extratos miséria sertaneja, com um drama que não é apenas sobre a seca nordestina, mas sobre todas as vidas secas universais com suas feridas que ainda estão por aí expostas em face da exploração, humilhação e alienação de boa parte da sociedade. Em 1964, sob a direção de Nelson Pereira dos Santos, o livro ganhou as telas dos cinemas.

Como já disseram que “o sertanejo é antes de tudo um forte”, o ato triunfal dos retirantes foi e continua sendo o de resistir às imposições da natureza e fazer frente à estrutura social exploratória vigente, enfrentando a sobrevivência (mesmo que equiparada à condição de animais) numa terra esquecida pelos poderosos.

"Vidas Secas" é obra grandiosa e ainda atualíssima num país onde as desigualdades sociais e a corrupção aumentam a exclusão e as injustiças sociais das populações mais carentes, abandonadas pelo governo e por boa parte da sociedade; é livro que revela condições sub-humanas através da literatura, ou seja, transforma crítica social em arte. Então, se há bons livros que são fiéis ao próprio título, eu acredito que um deles certamente é o nosso octogenário "Vidas Secas", de Graciliano Ramos!



Graciliano Ramos (identificado com a seta) - Palmeira dos Índios - AL, 1929

**José Antônio de Ávila Sacramento**  
(A convite da presidência da Academia de Letras de  
São João del-Rei - MG, em 29/07/2018)